



13. ELABORAÇÃO DE UM JORNAL ESCOLAR NO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO: UMA DAS APLICAÇÕES DO COMPUTADOR NA POLITECNIA

Taylor Rubio dos Santos
Marcelo Magalhães Foohs

INTRODUÇÃO

O avanço tecnológico na área da informática cresce a cada dia. Esses avanços contínuos trazem novas formas de utilização da tecnologia. Na década de 80, tornou-se viável o uso dos computadores pessoais. A evolução tecnológica chegou ao ponto onde é possível acessar informações em qualquer lugar do planeta a qualquer momento. Nessa última década tem ocorrido um crescimento extraordinário na área da comunicação celular, redes locais sem fios e serviços via satélites, os quais permitem que informações e recursos possam ser acessados e utilizados em qualquer lugar, a qualquer momento.

Desde crianças, temos acesso à televisão, a computadores, a revistas, a jornais, a GPS, entre outras mídias. A tecnologia *wireless* (sem fio) já possui grande alcance de utilização, sendo encontrada em muitos hotéis, cafés, restaurantes e, inclusive, nos ônibus, permitindo que as pessoas acessem a Internet. Celulares também incorporam esse tipo de acesso. Esses tipos de conectividade estão ao alcance das mãos. Boa parte dos conteúdos podem ser vistos nos *smartphones*, *netbooks* e *tablets*. Essas novas tecnologias móveis vêm transformando mais uma vez a sociedade, seu comportamento, suas práticas de consumo e produção. Onde estejamos estamos conectados com o mundo.

Dessa forma, as velozes mudanças ocorridas na sociedade pela evolução tecnológica e o imenso volume de informações estão refletindo no ensino, exigindo, dessa maneira, que a escola não seja mais mera transmissora de conhecimentos mas, sim, ambiente estimulante, que possibilite ao aluno percorrer o conhecimento de maneira mais motivada, desenvolvendo o pensamento crítico-reflexivo, de trocas de experiências, que valorize a invenção e a descoberta criativa e crítica de afetividade no ato de aprender que proporcione um movimento de parceria. A inserção dos computadores nas escolas é uma dinâmica de interação; um ambiente rico para a mediação entre alunos, além de possibilidade de paradas e retornos para interpretação e análise, oferecendo condições para envolvê-los e estimular a investigação, respeitando o ritmo de cada criança.

A informática, como ferramenta educativa, e a educomunicação enfatizamos a descoberta e a invenção, com as quais os discentes tornam-se pesquisadores autônomos à medida que descubrem novas áreas de seu interesse, possibilitando sua capacidade de construir o próprio conhecimento. Entretanto, é necessário compreender que as práticas pedagógicas não podem e não devem reduzir-se a mero repassar de conteúdos prontos, acabados, estanques, estéreis, ascéticos e históricos com os quais os símbolos gráficos decodificam-se por si, ingenuamente desprovidos de suas condições de (re)produção, (re)significação e representação. O papel do professor é perceber de que forma estas mídias serão agregadas ao seu trabalho escolar, trazendo benefícios no processo de aprendizagem do aluno e contribuindo, dessa forma, para que eles aprendam a compreender o mundo em que vivem.

Neste trabalho, demonstro alguns embasamentos básicos das teorias do desenvolvimento de Piaget, Wallon e Vygotsky, e por escritores que seguem as suas ideias. Em seguida, farei algumas reflexões acerca da inserção de computadores nas escolas e as contribuições da teoria do desenvolvimento de Vygotsky, a qual explica a interatividade e a construção coletiva do conhecimento em meio sócio-histórico-cultural, propiciada pela mediação aluno/aluno; aluno/professor; aluno/computador; enfim, aluno/conhecimento.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Mudamos de uma sociedade industrial para uma sociedade do conhecimento. Esse novo modelo social impôs uma série de novos comportamentos para



os quais muitas pessoas ainda não estão preparadas. É nesse sentido que ao pensar em formação docente, Bannell (2001, p.122) diz que:

É pensar que cada sala de aula está inserida em um contexto sociocultural, que é plural, marcado pela diversidade de grupos e classes sociais, visões de mundo, valores, crenças, padrões de comportamento etc.; uma diversidade que está refletida na sala de aula, realidade a qual o professor deve estar atento e que deve nortear sua prática formativa, enquanto educador dessa realidade.

Assim, as atividades de formação permanente e continuada em processo de educação para toda a vida compreendem a aquisição de novas competências para preparar as pessoas para lidarem com as novas tecnologias. Essa atividade acaba sendo desenvolvida em paralelo com o processo de educação formal. Este projeto visa a preparar os estudantes para que, logo em seguida, sejam adultos responsáveis por suas decisões, influentes na sociedade e que compreendam que suas atitudes interferirão no meio em que vivem.

O educador que deseja realmente compreender a criança precisa controlar sua própria conduta, e o jornal se torna um perfeito regulador de palavras e atos, porque é uma crônica viva dos erros que comete e dos esforços que faz para se corrigir. [...]. (KORCZAK, 1997, p. 32)

Segundo Lakomy (2008),

a ideia de aprendizagem de Piaget e Vygotsky dentro da perspectiva cognitivista, o processo de aquisição do conhecimento é a aprendizagem em si. Ao contrário dos comportamentais, os alunos são percebidos como agentes ativos que interagem constantemente com o ambiente interno e externo, utilizam suas experiências anteriores, buscam e reorganizam informações, refletem e tomam decisões para que possam adquirir novos conhecimentos.

O conceito de Educomunicação surgiu durante a década de 70 e ganha força juntamente às organizações não governamentais. A Educomunicação tem como pressuposto que não há como educar sem se comunicar. Assim, utilizar todos os meios de comunicação é um importante passo. Construtivismo significa isto: a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente,

o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento. Entendemos que construtivismo na Educação poderá ser a forma teórica, ampla que reúna as várias tendências atuais do pensamento educacional. Tendências que têm, em comum, a insatisfação com um sistema educacional que teima (ideologia) em continuar essa forma particular de transmissão que é a Escola; que consiste em fazer repetir, recitar, aprender, ensinar o que já está pronto, em vez de fazer agir, operar, criar, construir a partir da realidade vivida por alunos e professores, isto é, pela sociedade – a próxima e, aos poucos, as distantes. A Educação deve ser um processo de construção de conhecimento o qual ocorrem em condição de complementaridade; por um lado, os alunos e professores e, por outro, os problemas sociais atuais e o conhecimento já construído (acervo cultural da Humanidade). Construtivismo, segundo pensamos, é esta forma de conceber o conhecimento: sua gênese e seu desenvolvimento – e, por consequência, um novo modo de ver o universo, a vida e o mundo das relações sociais.

METODOLOGIA

O que me levou a propor este trabalho aos alunos foram as minhas convicções metodológicas construtivistas que, como Piaget, Vygotsky, Wallon e seus seguidores, sigo desde a primeira aula que mediei há cinco anos, e também as leis e conceitos como Construtivismo, Educomunicação, Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), interdisciplinaridade e transdisciplinaridade que regulamentam o ensino politécnico.

Utilizei a teoria do desenvolvimento de Jean Piaget (1896-1980), que ao meu ver é o mais importante, pois ele foi o primeiro que me conseguiu explicar de modo científico as suas teorias, por ele ser formado em Biologia. Mais tarde, as suas teorias serão complementadas por Vygotsky (1896-1934) e Wallon (1925-1962). Na perspectiva construtivista de Piaget (1896-1980), o início do conhecimento é a ação do sujeito sobre o objeto, quer dizer que o conhecimento



humano se constrói na interação homem e o meio, sujeito e o objeto. Utilizei também a teoria do desenvolvimento de Lev Vygotsky (1896-1934). Assim como Jean Piaget (1896-1980), ele explicou de modo científico a sua teoria, a qual, ao meu ver, complementa a teoria de Piaget e Wallon (1925-1962); para ele, a criança nasce inserida num meio social, que é a família, e é nela que estabelece as primeiras relações com a linguagem na interação com os outros; utilizei também a teoria do desenvolvimento de Henry Wallon (1925-1962). Assim como Jean Piaget e Lev Vygotsky, ele explicou de modo científico a sua teoria, a qual vem complementar a teoria dos autores supracitados. Para ele, a criança nasce inserida num meio social, onde ela é fundamentalmente emocional e gradualmente vai se constituindo um ser sociocognitivo. Utilizei, também, os princípios do Politécnico (fundamentação teórica e leis), pois a Politecnia, em 2003, explicita-se nacionalmente com o debate que já vinha sendo gestado em torno do Decreto nº 2.208/1997, em especial no que tange à separação entre ensino médio e educação profissional. Não se fala na extinção da escola técnica e sim na divisão da Educação do Ensino Médio. Conforme define a lei acima citada, o princípio norteador do ensino tecnológico é a formação para o mercado de trabalho. Saviani apud Frigotto, Ciavatta, Ramos (2005, p. 42) define como “[...] o domínio dos conhecimentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno”.

Nesse contexto, o Decreto nº 5.154/2004 e a Lei nº 11.741/2008 normatizam a articulação da Educação Profissional com o Ensino Médio de forma integrada, concomitante e subsequente, revogando o Decreto nº 2.208/1997. Na sua essência, este ainda não contempla a educação tecnológica ou politécnica, mas a sua base contém os princípios norteadores, acenando rumos ainda a serem percorridos. A partir deste debate foi dada a tarefa à Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC) de desenvolver um projeto educacional que atendesse às necessidades do mundo do trabalho, mas que tivesse a sua centralidade no indivíduo, a partir de uma proposta de formação integral. Esta, então, criou o Ensino Médio Politécnico. O que de fato não ocorreu como deveria. Os professores primeiramente receberam materiais impressos para estudo, este dando apenas conceitos, sem explicar a dinâmica que a SEDUC exigia que seguíssimos. Num segundo momento, foram oferecidos encontros que pouco elucidaram o assunto e não demonstraram também como seria a prática, sendo apenas debates políticos onde o tema Politecnia foi colocado em segundo plano. O Secretário de Educação do Estado não soube nos orientar como deveríamos proceder na implantação desta sistemática nas escolas. Atualmente, temos escolas estaduais

trabalhando conforme sua individual interpretação, e professores e alunos são as cobaias deste sistema, visto que eles modificam as regras que orientam o Ensino Politécnico a todo momento. No Estado do Rio Grande do Sul, a etapa final da educação básica constitui-se das seguintes organizações curriculares: Ensino Médio Politécnico, Ensino Médio Curso Normal, Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio (podendo assumir a forma de concomitância externa) e Educação Profissional Técnica de Ensino Médio na forma subsequente, e contempla o acesso à escolaridade nas modalidades: educação de jovens e adultos, educação especial, educação indígena, educação do campo, educação de quilombolas e educação profissional. O Ensino Médio Politécnico tem sua concepção básica na dimensão politécnica, constituindo-se no aprofundamento da articulação das áreas de conhecimentos e suas tecnologias, com os eixos de Cultura, Ciência, Tecnologia e Trabalho, na perspectiva de que a apropriação e a construção de conhecimento embasam e promovem a inserção social da cidadania. A politecnia é um novo princípio educativo de trabalho ao indicar a intelectualização das competências como categoria central da formação, deixando para trás a proposta taylorista/fordista que apresenta trajetória diferenciada para formar dirigentes e trabalhadores, retomando a clássica concepção politécnica compreendida como domínio intelectual da técnica. A politecnia se traduz por:

[...] pensar políticas públicas voltadas para a educação escolar integrada ao trabalho, à ciência e à cultura, que desenvolva as bases científicas, técnicas e tecnológicas necessárias à produção, à existência, à consciência dos direitos políticos, sociais e culturais e à capacidade de atingi-los. (GRAMSCI, 1978, p. 24)

Numa visão geral, o Ensino Médio Politécnico, embora não profissionalize, deve estar voltado ao mundo do trabalho e das relações sociais, assim promovendo a formação científica tecnológica e sócio-histórica a partir dos significados derivados da cultura, tendo em vista a compreensão e a transformação da realidade. A construção desse currículo integrado propõe a quebra de paradigmas e só poderá ocorrer pelo trabalho coletivo que unam os diferentes atores que atuam nas escolas, nas instituições responsáveis pela formação de professores e nos órgãos públicos responsáveis pela gestão. Na organização curricular, a politecnia supõe novas maneiras de seleção e organização dos conteúdos a partir da prática social, fazendo o diálogo entre as áreas de conhecimento; supõe a prioridade da qualida-



de da relação com o conhecimento, é o aluno protagonista, não mais priorizando a quantidade de conteúdos apropriados de forma mecânica; supõe a prioridade do significado social do conhecimento sobre os critérios formais intrínsecos à lógica disciplinar. A construção de uma nova proposta de Ensino Médio Politécnico tem como fundamento uma concepção de conhecimento compreendido como:

[...] um processo humano, histórico, incessante, de busca de compreensão, de organização, de transformação do mundo vivido e sempre provisório; a produção do conhecimento tem origem na prática do homem e nos seus processos de transformação da natureza. (SMED, 1999, p.34)

O início da construção se dá por processos de trabalho, objetos da formação, de modo que supere a lógica disciplinar e a superposição de conteúdos gerais e específicos, para que haja novas formas de seleção e organização dos conhecimentos. O currículo tem que ser concebido como o conjunto das relações desafiadoras, propondo-se a resgatar o sentido da escola como espaço de desenvolvimento e aprendizagem, dando um verdadeiro sentido ao mundo real, concreto, percebido pelos alunos. Conteúdos devem ser organizados a partir da realidade vivida pelos alunos e da necessidade de compreensão desta realidade, de entendimento do mundo.

A escola deve ser compreendida e respeitada em suas especificidades temporais e espaciais, ou seja, o currículo foi organizado para atender, considerando essas especificidades, às características próprias dos alunos em seus aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores, e o trabalho pedagógico foi flexibilizado para assegurar o sucesso do aluno. O currículo considera a relação entre desenvolvimento e aprendizagem, promovendo o desenvolvimento intelectual na relação com o mundo, compreendendo a escola como espaço de trabalho cooperativo e coletivo. A interdisciplinaridade apresenta-se como um meio eficaz de articulação do estudo da realidade e construção de conhecimento tendo em vista a transformação, traduzindo-se na solução de problemas, somando significado ao conhecimento e possibilitando a intervenção para a real mudança de uma realidade. O trabalho interdisciplinar viabiliza o estudo de temáticas transversais, o qual alia teoria à prática, concretizado por meio de ações pedagógicas integradoras. A avaliação emancipatória como eixo dessa proposta curricular reafirma a opção por práticas democráticas e a construção da aprendizagem em todas as

instâncias das políticas educacionais; não somente porque parte da realidade. A escola é o espaço privilegiado para a aprendizagem dessas práticas, uma vez que tem o compromisso com o desenvolvimento de capacidades e habilidades humanas para a participação social e cidadã de seus alunos, aponta para os avanços do discente em suas aprendizagens e os meios para vencer as dificuldades mas, especialmente, porque se explica a melhor oportunidade de pensar e rever as práticas na escola.

O ambiente virtual, a Internet e os sistemas de gerenciamento de conteúdos e aprendizagem são facilitadores do processo de formação de competências e habilidades desenvolvidas de modo informal, em serviço, nos horários e de acordo com o ritmo individual de aprendizagem de cada um. A utilização do jornal em sala de aula e a confecção de jornais escolares, sejam eles impressos ou não, estimulam o espírito de cidadania entre alunos e professores envolvidos, e possibilitam a interação com a realidade interna e externa da escola. Desde 1928, o educador francês Célestin Baptistin Freinet já utilizava a produção de jornais para alfabetizar crianças e estimular a escrita livre e criativa. Dessa forma, os alunos, com a criação do jornal escolar, podem desenvolver o interesse pela leitura e escrita, além de desenvolverem habilidades mais abrangentes, como o senso crítico e o posicionamento mais efetivo em seu meio social sobre os mais variados assuntos.

Durante as atividades realizadas na Escola Estadual de Ensino Médio, na região metropolitana de Porto Alegre, percebe-se certa preferência em desenvolver atividades dessa natureza envolvendo os alunos dessa etapa escolar, dada a presumível maturidade apresentada por eles ao realizarem tais atividades. O desejo de construir o projeto do jornal escolar com alunos do 1º ano do Ensino Médio iniciou com a ideia de renovar os métodos educacionais no setor de informática com os alunos do Politécnico de maneira transversal, inserindo-se essa tendência na perspectiva educacional construtivista. Esse trabalho foi um importante aliado, o qual auxiliou no processo de ensino-aprendizagem das turmas envolvidas; a decisão favoreceu a melhoria da autoestima e a confiança dos alunos, provocando mudanças positivas no comportamento deles e tornando-os mais participativos, aprendendo conceitos sociais como respeito, espaço e aceitação à opinião do próximo. Também traz os alunos ao mundo da leitura e os ambienta aos meios de comunicação escrita, em especial o uso do computador. Por esse motivo, entendo que o Jornal Escolar criado e editado pelos próprios alunos é uma forma de apli-



car a Informática de maneira educativa, conforme a ideia do politécnico, pois eles utilizaram o computador para criar as notícias que formaram o jornal com a minha mediação, através das resoluções das dúvidas ou das sugestões. Foram nas sala de informática e de projeção, com minha supervisão, que todas as edições foram montadas e o produto final ficou pronto. Contudo, por se tratar de uma atividade inovadora e atraente, o professor tem o compromisso de conduzi-los de tal forma que não interfira de maneira negativa no rendimento escolar dos alunos, mas que seja um incentivo a mais ao crescimento e ao desenvolvimento cultural. À medida que a criança passa a interagir com o mundo ao seu redor, ela começa a atuar e a modificar ativamente a realidade que a envolve. Atuar, no sentido piagetiano, não envolve necessariamente ações e movimentos externos e visíveis, mas também atividades internas, cognitivas e afetivas. Assim, o fato de oferecer a oportunidade para que os alunos do ensino médio politécnico realizem tal tarefa, tornou-se um desafio, sendo o momento em que esses alunos mostraram que são capazes de contribuir como cidadãos participantes para melhoria da sociedade, mostrando opinião, senso crítico e, principalmente, interesse pela informação.

Escolhi trabalhar com o jornal em sala de aula porque sou professor de escola pública da rede estadual há cinco anos, e quando apresento atividades que exigem a participação do aluno na construção do conhecimento percebo o envolvimento deles em participar das atividades propostas. A inserção do jornal escolar no cotidiano dos alunos do 1º ano do Ensino Médio Politécnico, na Escola Estadual de Ensino Médio, tem como objetivo contribuir para o aperfeiçoamento e desenvolvimento de habilidades linguísticas, culturais e midiáticas dos educandos. Utilizando a ferramenta *blogspot* na construção do Jornal da Escola e a inserindo no seu cotidiano escolar, e a primeira contribuindo para o aprimoramento educacional dos discentes. Tendo em vista as ideias acima, o trabalho foi desenvolvido a partir da criação de um *blog* em que esteve mantido o Jornal da Escola, este com a minha criação e supervisão e contribuição dos alunos do Primeiro Ano do Ensino Médio Politécnico da Escola Estadual de Ensino Médio, na qual leciono. Com a colaboração de um laboratório de informática torna-se visível e constante, vinda do ambiente livre e aberto ao diálogo, da troca de ideias, a fala tem papel fundamental na aplicação dos conteúdos. A interação entre o parceiro sentado ao lado, o computador e os meus conhecimentos, seguem o percurso da construção do conhecimento, e até mesmo outros colegas que, apesar de estarem envolvidos com sua pesquisa (ou navegação) prestam atenção ao que acontece à sua volta, gerando-se uma grande equipe que busca a produção do conhecimento

constantemente. Com tudo isso o aluno ganha mais confiança para produzir algo, criar mais livremente, sem medo dos erros que possa cometer, aumentando sua autoconfiança e autoestima na aceitação de críticas e nas discussões sobre os trabalhos feitos pelos seus pares.

Nesse *blog* foram colocadas as informações que os alunos, a partir de discussões semanais, escreveram (o que foi mais interessante e relevante para a equipe escolar); leia-se equipe escolar todos os alunos do 1º ano do Ensino Médio Politécnico. Realizaram pesquisas preliminares para verificar com os demais alunos quais as áreas de interesse que eles queriam ver contempladas no jornal da escola. A partir da pesquisa e tabulação dos resultados, eles começaram a selecionar o material que fez parte do *blog*; a cada quinze dias, foram feitas novas alterações no jornal da escola com a minha supervisão. Os textos também foram revisados por mim e, somente após, foram disponibilizados na rede. Durante as atividades realizadas na Escola de Ensino Estadual de Ensino Médio percebe-se certa preferência em desenvolver atividades dessa natureza com os alunos do Ensino Médio, dada a maior probabilidade de maturidade apresentada por estes ao realizar tais atividades. O desejo de construir o projeto do jornal escolar com alunos do 1º ano do Médio Politécnico iniciou com a ideia de renovar os métodos educacionais no setor de informática com estes alunos de maneira transversal, sendo esta tendência educacional construtivista e importante aliada que auxiliou o processo de ensino-aprendizagem. A decisão favoreceu, também, a melhoria da autoestima e confiança dos alunos, além de provocar mudanças positivas no comportamento deles, tornando-os mais participativos, aprendendo conceitos sociais como respeito, espaço, opinião e aceitação da opinião alheia; trouxe os alunos para o mundo da leitura e ambientou-os com os meios de comunicação escrita, em especial com o uso do computador. Após os relatos e as discussões sobre as experiências que li deste momento, implicou esforços para desenvolver um exercício de síntese. Esta jornada propiciou-nos a compreensão de pontos relevantes, como por exemplo, o Jornal escolar compreendido como processo – instrumento complexo que propicia oportunidades de abordar temas emergentes que causam uma revisão de mundo – em busca da restauração do sujeito responsável, pode contribuir com a viabilização ou adequação de outros projetos e estratégias de pesquisa como método de ensino. Essas estratégias podem gerar a trama de conteúdos, procedimentos, atitudes, habilidades, sensibilizações, reflexões. Por esse motivo, o Jornal atendeu a finalidades diversificadas, para várias faixas etárias e em lugares diferentes, além de contribuir com a formação do leitor



crítico através do desenvolvimento da autonomia individual; esta possibilidade pode e deve se iniciar nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental e perdurar até o final do Ensino Médio. A interação entre pares, em situações favoráveis e inovadoras de aprendizagem e com o uso pedagógico apropriado das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), pode levar os alunos a desenvolverem comportamentos colaborativos e autônomos de aprendizagem, benéficos para seu desenvolvimento intelectual e socioafetivo, pois os ambientes de aprendizagem computacionais tendem a ser eficazes para tal aprendizagem a partir do momento que possibilitam a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento a ser construído, conforme sugerem os aportes das teorias construtivista e sociointeracionista; esta mediação compreende utilizar estas novas modalidades de aprendizagem que já vêm se desenvolvendo nas minhas aulas, de modo geral, desde que as crianças começaram a ligar a televisão e os *videogames* e se amplificaram e complexificaram com o acesso e o uso lúdico do computador e da Internet. A partir da observação com relação aos alunos do 1º ano do Ensino Médio Politécnico, com essa inovadora prática pedagógica, me transformei de mero transmissor de conteúdos em estimulador da curiosidade do aluno por querer descobrir, pesquisar e buscar respostas. Coordenei o processo de apresentação dos resultados alcançados pelos alunos, questionando os dados apresentados, contextualizando os resultados, adaptando-os para a realidade deles; permiti-me estar mais próximo a eles, recebendo mensagens via *e-mail* com dúvidas, passando informações complementares, adaptando as aulas para o ritmo de cada um. Assim sendo, o processo de ensino-aprendizagem ganhou dinamismo, inovação e poder de comunicação, adjetivos até agora pouco utilizados. Observar que houve maior preocupação por parte do próprio aluno com relação à melhoria da leitura e da escrita foi muito gratificante. Após análise, concluí que a ideia do jornal é parte da solução dos problemas na Educação por ser uma ferramenta construtivista, cujo lúdico será contemplado nas disciplinas (no nosso caso Seminário Integrado e Português conforme normas do politécnico estadual) sendo, assim, um método mais fácil para auxiliar o processo de ensino como um todo. Utilizando as ideias de Vygotsky (1987), que valoriza o trabalho coletivo e cooperativo, e Piaget (1896-1980), que considera a criança como construtora de seu conhecimento de forma individual, o ambiente computacional proporciona mudanças qualitativas na zona de desenvolvimento proximal do aluno, os quais não acontecem com muita frequência em salas de aula tradicionais. A colaboração entre crianças pressupõe um trabalho de parceria conjunta para produzir algo que não poderiam produ-

zir isoladamente. Os alunos utilizam o *e-mail* para trocar informações e dúvidas com seus colegas e professores, tornando o aprendizado mais cooperativo, proporcionando uma rica estratégia para aumentar as habilidades de comunicação, fornecendo ao aluno oportunidades de acesso a culturas diversas e aperfeiçoando o aprendizado em várias áreas do conhecimento. O uso do ciberespaço foi caracterizado como uma forma de comunicação que propicia a formação de um contexto coletivizado, resultado da interação entre participantes, pois conectar-se é sinônimo de interagir e compartilhar no coletivo. A navegação em *sites* se transformou em um jogo discursivo no qual significados, comportamentos e conhecimentos são criticados, negociados e redefinidos.

Após muita pesquisa e leitura adotei alguns passos que foram importantes para o sucesso e para criação do nosso jornal. O primeiro passo foi a proposta da construção de um jornal da escola com duas versões, uma *on-line* e uma impressa, para dar condições de quem não tem acesso à Internet ter contato com ele, e que ele seria metodologicamente transversal de forma interdisciplinar com a professora de Língua Portuguesa. A maioria adorou a ideia e alguns poucos não gostaram; quando indagados por quê, a resposta foi que eles gostam de trabalhar de forma tradicional. Então expliquei para eles os princípios da politecnicidade e assim começaram a colocar “a mão na massa”. As turmas escolheram quais os assuntos seriam contemplados no jornal, assim como os temas que ficaram sob a responsabilidade de cada turma. A disposição ficou assim dividida:

Turma 110: Livros, Anúncios, Novidades, Horóscopos e Filmes;

Turma 111: Clima, Moda, Músicas, Piada, Tirinhas;

Turma 112: Culinária, Notícias, Curiosidades, Esportes, Novelas.

Após essa divisão de tarefas, levamos os alunos para a sala de informática, onde eles mesmos fizeram uma pesquisa sobre as regras para montagem de um jornal, *bullying*, ética e plágio. Os alunos anotaram os resultados da pesquisa no caderno e alguns escreveram no *Word*; depois enviaram por *e-mail*. Foi feita a escolha do nome do jornal entre as três turmas: Jornal do Mário. O segundo passo foi os alunos retornarem à sala de informática para executar uma atividade que constituía na confecção de matéria com um dos softwares *Word*, *Paint* ou *Excel* para editar o texto e o Google Chrome como software de pesquisa. Para postagem da versão *on-line* foi usado o *blogspot* e para promovê-lo foi criada uma página no *facebook*. A atividade foi realizada com as três turmas sob a minha coordenação para auxílio na aprendizagem com a utilização dos recursos acima mencionados. Apesar de eles te-



rem familiaridade com esses programas no Seminário Integrado (seja por ter computador em casa ou acesso à *Lan houses*), ainda assim descobriram novas utilidades desses recursos e ferramentas para a escrita de textos, edição de imagens e gráficos e assim auxiliar na elaboração de outros trabalhos escolares. Ainda seguindo a ideia do Politécnico, aprenderam a utilizar os recursos do computador para valer-se no seu futuro emprego. Essas atividades foram significativas, mostrando-se ótimas ferramentas construtivistas pois, quando os alunos perceberam a necessidade de melhorar a sua leitura e escrita, conforme citado acima, compreenderam que aquelas poderiam auxiliar sua aprendizagem; esses momentos se repetiram por mais seis aulas. Nas últimas duas aulas, eles escolheram os alunos que seriam os editores dos textos, um representante por turma, pois assim se tornaria mais fácil eu orientá-los, e a professora de Língua Portuguesa fazer a revisão ortográfica dos artigos. O terceiro passo foi na sala de projeção. No turno inverso, reuní uma das turmas (que tinha aula à tarde – turno inverso) e convidei os integrantes das outras duas turmas (que não tinham aula naquele dia), para nós construirmos um *blog-piloto* em que postaríamos o jornal em versão *on-line*. Um aluno foi digitando o que os demais falavam e eu coordenei a construção do conhecimento, conforme prega o construtivismo. O mesmo processo foi feito com o *facebook* (iniciativa deles para ajudar na divulgação do jornal). Observação: deixei um recado inicial no *blog* para eles e para todos os alunos da escola que não fizeram parte deste projeto. Depois montamos o jornal-piloto, o número zero, na versão impressa e *on-line*, para podermos ver como ficaria a sua estrutura e distribuição nas páginas. Neste número não colocamos todos os itens como terá o oficial. Foi utilizado o que já estava pronto. Este trabalho desenvolveu-se em mais seis períodos por ser um grupo grande. O quarto passo na construção do jornal foi a impressão e apresentação aos alunos do jornal convencional. Eles ficaram bastante orgulhosos do trabalho. Fizemos o processo da sala de projeção para postarmos o Jornal número zero no *blog*, e assim visualizarmos também a versão *on-line*. Novamente um aluno foi digitando o que os outros diziam e eu apenas coordenei o processo. Depois postamos o *link* do *blog* no *facebook* para divulgação do jornal. Eles gostaram bastante da ideia e comentaram que quando acabasse a aula iriam avisar todos que conheciam sobre o jornal. O quinto passo foi a construção da edição número um do jornal. Os alunos retornaram à sala de informática para executarem a atividade que constituía na confecção das matérias usando os mesmos softwares anteriormente utilizados. A atividade foi realizada com as três turmas (uma em cada dia) e com minha mediação na aprendizagem com o a utilização daqueles recursos. Esse momento também se estendeu por seis aulas. O

sexto passo foi na sala de projeção. Começamos a montar o jornal o número um na versão impressa com o software *Word*, usando as matérias que eles construíram. Um aluno foi digitando o que os outros diziam e colocando as matérias já prontas sob a minha orientação e revisão. Isso estendeu-se por seis aulas para cada uma das três turmas. Os alunos tiveram a percepção de que há uma janela temporal entre uma edição e outra, pois o jornal é um trabalho transversal, demorado e os alunos precisavam se dedicar às provas e trabalhos das demais disciplinas. Problemas de ordem informatizada (desde clonagem do *blog* – “hackeamento” do *blog* por um aluno do Noturno que excluiu as postagens do jornal número um – até problemas com o acesso ao *Blogger* – senhas – para postagem das matérias) também foram enfrentados por nós, sem no entanto nos abatermos. Por ser uma proposta nova para todos nós, não tínhamos um banco de dados, que hoje já está em construção, a fim de que seja evitado futuramente esse tipo de problema, novamente. Além disso, já era final de trimestre e eu não quis prejudicá-los, pois além de mim, a professora de Língua Portuguesa é a única de todo o Ensino Politécnico que é a favor da metodologia do jornal escolar e da rádio recreio. O sétimo passo foi na sala de projeção novamente. As mesmas etapas das vezes anteriores foram seguidas. Na última aula, postamos o jornal pronto no *blog* e feito o mesmo trabalho no *facebook* para divulgação do jornal; foi mostrado a eles, nas últimas aulas, o jornal impresso já pronto. Saliento, aqui, que tivemos muitos problemas com o aplicativo *Blogger* até o último momento.

DISCUSSÃO

Os alunos de três turmas do 1º ano do ensino médio politécnico de uma Escola Estadual de Ensino Médio localizada na região metropolitana de Porto Alegre elaboraram um jornal cujo nome escolhido foi Jornal do Mário, com o intuito de trazer o currículo escolar para a realidade cotidiana dos alunos. Esse processo de elaboração do jornal visa, além de qualificar o rendimento dos alunos a partir da melhoria da leitura e da escrita, a estimular a expressão oral, a produção textual, a autoconfiança e a autoestima, que são valores de relação que esta prática pedagógica atribui ao processo, pois os alunos passam a se integrar socialmente dada a necessidade do uso da comunicação e do relacionamento mútuo. Este mecanismo, aliado ao domínio de informações, forma pessoas com sentimento de cidadania e com potencial para mediar ou manifestar-se diante do seu mundo.



O teor informativo abordado pelo jornal e as matérias publicadas incluem tipos e gêneros textuais distintos, presentes no dia a dia e na vida do aluno: livros, anúncios, novidades, horóscopos, filmes, clima, moda, músicas, piadas, tirinhas, culinárias, notícias, curiosidades, esportes e novelas. Essas contribuições são realizadas observando o critério da contextualização, mostrando-se como tendência educacional valiosíssima por apresentar o conteúdo a ser trabalhado pelo professor somado a uma atividade que une o lúdico ao experimental. Na visão do Construtivismo, tendência educacional em que o aluno é construtor do seu conhecimento a partir da prática pedagógica aplicada, tal meta foi cumprida pelos alunos, tendo em vista que todos da turma foram agentes ativos na produção e construção do jornal, pesquisando notícias, registrando os eventos e fatos, assistindo a notícias e ouvindo-as televisionadas, estando em consonância com espaço ao seu redor etc. Por esse motivo, todos os alunos que o construíram queriam ver seus textos ou suas fotos no jornal.

O jornal escolar foi escolhido como metodologia pois ele possibilita ao professor dinamizar suas aulas, mediar seu aluno, conduzir suas atividades de modo a levá-lo a pensar e a agir, resultando em uma aprendizagem significativa mais real e produtiva. O processo investigativo foi realizado por meio de uma análise qualitativa com os alunos do 1º ano do ensino médio politécnico; inicialmente discutido com a direção e supervisão da escola sobre o desenvolvimento. O jornal possui oito páginas, tendo versão *on-line* e impressa, pois o “Jornal do Mário” está sendo elaborado por apenas três turmas do politécnico, cujos critérios adotados por mim e pela professora de Língua Portuguesa, entre outros, são: diversidade de tipos e gêneros textuais, priorização dos aspectos textuais, observando, nos textos, os erros gramaticais e ortográficos respeitando as especificidades do aluno (como gírias e convenções sociais da linguagem e da escrita coloquial). Esse projeto foi importante como prática pedagógica no auxílio ao processo de ensino-aprendizagem, possibilitando o desenvolvimento do senso crítico dos alunos, fazendo-se cumprir os princípios da tendência educacional construtivista, localizada na interdisciplinaridade, além da própria informática educacional, e de cumprir a ideologia do ensino politécnico.

Acredito que o projeto resultou em bons frutos, tanto para a escola como para os alunos, que vivenciaram a oportunidade de construir um trabalho a partir das suas próprias ideias, resultando em uma aproximação diferente e divertida da leitura e da escrita e, principalmente, oportunizando aos alunos o uso e contato com o mundo da informática.

CONCLUSÃO

Este trabalho de conclusão de curso de Mídias na Educação, cujas atividades mediadas no sentido de seguir as novas tendências para o ensino é focado na inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), práticas construtivistas, tendo como referência Piaget, Vygotsky, Wallon e seus seguidores; também as leis e os conceitos como educomunicação, contextualização, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, que regem o politécnico, fazem dos alunos do 1º ano ensino médio os autores na construção de dois jornais escola, sendo eles no modo impressos e *on-line* em uma escola de ensino médio localizada na região metropolitana de Porto Alegre, dentro da disciplina de Seminário Integrado de forma transversal e interdisciplinarmente com a Professora de Língua Portuguesa. Com teor informativo, as matérias publicadas incluem tipos e gêneros textuais distintos, escolhidos por eles, presentes no dia a dia de suas vidas como livro, anúncios, novidades, horóscopo, filmes, clima, moda, música, piada, tirinhas, culinária, notícias, curiosidades, esporte e novelas. O nome do jornal – “Jornal do Mário” – também foi escolhido pelos alunos.

O embasamento teórico engloba os conceitos de politecnicidade, construtivismo e de Mídias na Educação, entre elas o Jornal Escolar e o computador como ferramentas construtivistas de aprendizagem, mostrou-se uma prática pedagógica muito útil, quando obtivemos uma aprendizagem significativa, pois os resultados positivos da aplicação foram vistos em todas as suas dimensões, seja pelo interesse por parte dos alunos, seja pela disposição apresentada em coletar informação. O computador apresentou-se como importante ferramenta educacional, pois a realidade atual é de alunos que são nativos digitais; por este motivo, este trabalho reflete sobre a utilização das novas tecnologias da informação, da comunicação e as mídias no processo educativo sob a perspectiva construtivista, apontando desafios para a elaboração de jornais escolares como prática pedagógica. Com visão panorâmica de como o construtivismo pode afetar a didática, pude incorporar as novas tecnologias, e foram necessárias transformações nas minhas práticas pedagógicas, como o planejamento e a avaliação educacional em projetos de inovação tecnológica na escola, sob a mesma perspectiva.

Este projeto teve como objetivo de não só desenvolver aptidão na linguagem para o pleno domínio da leitura e escrita nas diversas situações de uso social da língua portuguesa, mas também construirmos alunos mais críticos, formando



cidadãos que ocuparão seu lugar na sociedade. Assim, os alunos aprenderam a descobrir, a pesquisar, a conhecer, a participar, sensibilizaram-se para novos assuntos, novas informações, diminuindo a rotina e os ligando com o mundo; trocaram experiências entre si, conheceram-se, comunicaram-se, enfim, educaram-se. Eu como professor tive uma postura de mediador na construção do jornal escolar, pois aqui, já não era mais eu o dono do saber, mas o orientador, o incentivador, o viabilizador do processo ensino-aprendizagem; respeitei a especificidade de cada aluno, provoqueei resolução de problemas e regulei estes conflitos; respeitei o tempo específico de cada aluno, aproveitei o conhecimento que ele já tinha, e a partir deste, trabalhei para que os alunos fossem ao encontro dos novos conhecimentos, propiciando, assim, a eles o prazer de aprender e de construir numa descoberta constante.

Meu papel como professor não foi de mero transmissor de informações. Fui um construtor de ambientes de aprendizagem, parceiro e colaborador no processo de construção do conhecimento. Estas tecnologias, dentro do projeto pedagógico foram inovadoras, facilitou e estimulou o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o jornal *on-line* inseriu a interatividade no aprendizado, propiciou o diálogo ativo com o mundo do conhecimento, apresentando informações através de um contínuo canal de escolhas individuais. Ele permitiu ao aluno ir e determinar os caminhos a seguir de acordo com seus interesses e no seu próprio ritmo; não deixando, porém, de aprender a respeitar a opinião dos outros. Este trabalho, a meu ver, acompanha a nova geração de escola da qual necessitamos para renovar a educação. Devemos aproveitar o interesse que os alunos têm demonstrado pelas novas tecnologias, incorporando as mudanças tecnológicas ao ensino, pois a escola tem o papel de preparar o aluno para a realidade da sociedade atual; os professores precisam assumir a função de mediadores nesse processo e promover o uso das tecnologias com o objetivo de efetivar-se a aprendizagem.

O jornal na escola representou-se como uma ferramenta promissora, pelo fato de que os próprios alunos assumiram o papel de autores, escritores e editores, levando em consideração o desafio de levar informações e entretenimento a outras pessoas. As atividades foram realizadas de maneira prazerosa por parte dos alunos; essas práticas pedagógicas inovadoras estimularam o interesse dos alunos ao uso da leitura e/ou da escrita. Dessa forma, a escolha do tema Educação em forma de jornal, com a implantação de novas tecnologias na escola foi mediada por atitudes pedagógicas que permitiram formar cidadãos que ocuparão seu lugar nesta realidade da sociedade atual, que é a ideologia da

politecnicia. Foi o propósito, além de outros ligados à interatividade dos alunos na escola, o aperfeiçoamento de aprendizagem, utilizado o meio de comunicação (jornal escolar), para ampliar, assim, a visão crítica, poder de argumentação, análise de conteúdos, seleção de matérias, entre outros avanços.

A interação entre pares como uso de prática pedagógica dentro das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) mostrou-se favorável no ensino-aprendizagem por levar os alunos a desenvolverem comportamentos colaborativos e autônomos de aprendizagem, benéficos para seu desenvolvimento intelectual e socioafetivo. A relação entre teoria e prática conjecturou-se uma íntima afliência do pensamento e da ação, para transformar-se. A relação prática/prática tornou-se um processo contínuo de fazer, teorizar e refazer. O colóquio permanente entre teoria e prática se construiu como fundamento da transformação da realidade do aluno, ciente de sua condição sócio-histórica, e conseqüentemente, de suas determinações sociais. A interdisciplinaridade apresentou-se como um meio eficaz de articulação do estudo da realidade e construção de conhecimento, tendo em vista a transformação; traduzindo-se na solução de problemas, somando significado ao conhecimento, possibilitando a intervenção para a real mudança de uma realidade. O trabalho interdisciplinar viabilizou o estudo de temáticas transversais, o qual aliou teoria e prática, concretizado por meio de ações pedagógicas integradoras.

A interação entre o parceiro sentado ao lado, o computador e os meus conhecimentos, seguiu o percurso da construção do conhecimento dos alunos, pois estavam envolvidos com a procura, pesquisa, navegação; prestaram atenção ao que acontecia à sua volta, gerando uma grande equipe que buscou a produção do conhecimento. Através disso tudo, o aluno ganhará mais confiança para produzir algo, criar mais livremente, sem medo dos erros que possa cometer, aumentando sua autoconfiança, sua autoestima, na aceitação de críticas, discussões de um trabalho feito pelos seus próprios pares. A cada quinze dias, serão feitas novas alterações no jornal da escola, com a minha supervisão. Os textos serão revisados por mim e, somente após essa revisão, serão disponibilizados na rede. Durante as atividades realizadas na escola percebi certa preferência em desenvolver atividades dessa natureza envolvendo os alunos do ensino médio, dada a possível maior maturidade apresentada por eles em realizar tais atividades, que foi de fato demonstrada. O desejo de construir o projeto do jornal escolar com alunos do 1º ano do ensino médio politécnico iniciou com a ideia de renovar os métodos educacionais no setor de informática, maneira transversal e interdisciplinar; foi



utilizando a tendência educacional construtivista, que se mostrou uma importante aliada que auxiliou no processo de ensino-aprendizagem. Este trabalho favoreceu também a melhora da autoestima e da confiança dos alunos e provocaram mudanças positivas no comportamento deles, tornando-os mais participativos, aprendendo também os conceitos sociais como espaço, opinião e respeito a opinião do próximo. Também trazendo os alunos para o mundo da leitura e ambientação com os meios de comunicação escrita, em especial o uso do computador. Além de ter superado todas as minhas expectativas.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Agnes. **Jornal na sala de aula**: leitura e assunto novo todo dia. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/jornal-sala-aula-423555.shtml>>. Acesso em: 18 jan. 2012.

AZEVEDO, Jose Clovis de. **Revista Pedagógica Paixão de Aprender**, n.. 9. Porto Alegre: SMED, 1995.

BANDEIRA, Zeca. Qualificação aproxima professor das novas tecnologias. **Revista TV Escola**, nov./dez., 2010. Ministério da Educação.

BENNELL, Ralph Ings. A formação discursiva do professor e a (re) construção crítica do saber pedagógico. In: **Movimento: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense**, n. 4 Niterói. 2001.

BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO. **Referências**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/faced/setores/biblioteca/referencias.html>. Acesso em: 07 jun. 2012.

BRANDÃO, Carlos R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer 11/2000**. Diretrizes Curriculares para a educação de jovens e adultos. Brasília: MEC, maio 2000.

_____. A Cultura do Povo e a Educação Popular. In: **A questão política da educação popular**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. **A Educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria da Educação Profissional e Tecnológica**. Educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio. documento Base, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Leis e Decretos. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da Educação Nacional.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de educação profissional e tecnológica. Leis e Decretos. Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997. Dispõe sobre a regulamentação do parágrafo 2º do artigo 36 e os artigos 39 a 42 da lei federal 9.394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de educação profissional e tecnológica. Leis e Decretos. Decreto nº. 11.741, de 16 de junho de 2008, que altera dispositivos da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1999, que estabelece diretrizes e bases da educação nacional para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos, e da educação profissional e tecnológica.

CASTORINA, José Antonio. O debate Piaget-Vygotsky: a busca de um critério para sua avaliação. In: **Piaget-Vygotsky: novas contribuições para o debate**. São Paulo: Ática, 1988. p.7-50

CNE. **Conselho Nacional de Educação**. Diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio.

CNE. **Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica**. Resolução nº 04, de 13 de julho de 2010. Define diretrizes curriculares nacionais, gerais para educação básica.

CORRÊA, Mara Lucinéia Marques. Disponível em: <<http://www.fiama.edu.br/revista//2004/Dados/comunicacoes/importainfo.htm>.> Acesso em: em 15 abr.2012.

CORRÊA, Márcia Amaral. As relações existentes entre os pressupostos teóricos da epistemologia genética piagetiana e a utilização da produção textual no espaço escolar. **Ciências e Letras**. Porto Alegre, n.26, p.79-96, jul./dez. 1999.

COTES, Paloma; CARVAS, Camila. Internet: o que muda na escola? **Revista Época**: 8 de novembro de 2004. n. 338. São Paulo: Globo.

DAVIS, Cláudia. O construtivismo de Piaget e o sociointeracionismo de Vygotsky. In: **Anais. I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA**. Ijuí: UNIJUÍ, 1993.

FARIA, Anália Rodrigues de. **Desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998. Capítulos 1 e 3.

FAZENDA, Ivani C. A. **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FILHO, Domingos Leite Lima. Impactos das recentes políticas públicas de educação e formação de trabalhadores: desescolarização e empresariamento da educação profissional. **Perspectiva**, v.20, n. 02, p. 269-301, Florianópolis, jul.- dez. 2002.

FREINET, Célestin. **O Jornal escolar**. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. O trabalho como princípio educativo. In: COSTA, Hélio; CONCEIÇÃO, Martinho da. (Org.) **Educação integral e sistema de reconhecimento e certificação educacional e profissional**. São Paulo: CUT, 2005.



GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: **uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 7. ed. Petrópolis: RJ : Vozes, 2000.(Educação e conhecimento). 134 p.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Da geografia às geo-grafias**: um mundo em busca de novas territorialidades. México: Siglo XXI, 2001.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HAMMES, Marli Hatje. As mudanças que as novas tecnologias da escrita ofertadas pelo computador e pela Internet imprimem no meio educativo. **Revista Digital Buenos Aires**, ano 15, n. 145, Jun. 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>> Acesso em: 22 jun. 2012.

IJUIM, J. K. Jornal Escolar e Vivências Humanas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO (Intercom), XXIV, 2001, Campo Grande. **Anais do XXIV Intercom**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, p. 01-11.

KORCZAK, Janusz. **Como amar uma criança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus.

LAKOMY, Ana Maria. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. Curitiba: Ibpex, 2008.

MENEZES, N. S. A.; MACHADO, D. S. (Orgs.). **Orientações para elaboração de trabalhos acadêmicos**: dissertações, teses, TCC de Pedagogia, TCE de Especialização. Porto Alegre: UFRGS/FACED/BSE; 2008. 24 Fl.

MOLL, Luis C. **Vygotsky e a educação**: implicações pedagógicas da psicologia socio-histórica. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996.

NOGUEIRA, Nilbo. Metodologia x Tecnologia: questionamentos e inovações para uma nova escola. In: 17º Educador CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO. Maio, 2010, São Paulo. Disponível em: <<http://www.jornalbrasil.com.br/interna.php?autonum=8231>>. Acesso em: 22 jun. 2012.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. O pensamento e a linguagem na perspectiva sociohistórica. In: **Anais ... I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA**. Ijuí: UNIJUÍ, 1993.

_____. Pensar a educação: contribuições de Vygotsky. In: Piaget, Vygotsky: **novas contribuições para o debate**. São Paulo: Ática, 1988. p. 51- 83.

_____. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento, um processo sociohistórico. Scipione. (Coleção Pensamento e ação no magistério). Disponível em: http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf. Acesso em 17 out. 2012.

Parecer aprovado em 5/5/2011, aguardando homologação do MEC.

Parecer CNE/CEB nº 5/2011. Assunto: diretrizes curriculares nacionais para ensino médio.

PRETTO, Nelson de Luca. A educação num mundo de comunicação. In: **Uma escola**

com/sem futuro. Campinas: Papyrus, 1996. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). p. 97-120.

RAVILOLO, Daniel. **Guia do Jornal Escolar no programa Mais Educação.** MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Fortaleza: 2010. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals>>. Acesso em: 30 set. 2012.

RAVILOLO, Daniel; LIRA, Júlio; MOTA, Karina. Ensinando e Aprendendo com o Jornal Escolar. **Primeiras Letras**, 2004. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals>>. Acesso em 30 set. 2012.

RIBEIRO, Lourdes; PINTO, Gerusa R. **O real do construtivismo:** práticas pedagógicas e experiências inovadoras. 10 ed., v.. 6. Belo Horizonte: Editora Fapi, 1997.

RICHTER, Marcos Gustavo. **Ensino do português e interatividade.** Santa Maria: Ed. UFSM, 2000.136 p.

RODRIGUES, Márcio de Oliveira. **A formação do professor para a integração do jornal na sala de aula.** Disponível em: <<http://www.pucpr.anaiseducere/educere2005/anaisEvento>>. Acesso em: 30 set. 2012.

SCHAFFER, Margareth. O construtivismo-interacionista e as novas intersecções. In: **Anais I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA.** Ijuí: UNIJUÍ, 1993.

SMOLKA, Ana Luísa B.; GÓES, Maria Cecilia Rafael de. (Org). **A linguagem e o outro no espaço escolar:** Vygotsky e a construção do conhecimento. 4.ed. Campinas: Papyrus, 1995. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico). 177p.

SMOLKA, Ana Luísa B. et al. **Leitura e desenvolvimento da linguagem.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. (Novas Perspectivas). 69 p.

SOARES, Ismar de O. **Educomunicação:** As perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social: o caso dos Estados Unidos. Disponível em: <<http://www4.uninove.br/ojs/index.php/eccos/article/viewFile/225/221>>. Acesso em: 11 ago. 2012.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na educação:** novas ferramentas pedagógicas para o professor da atualidade. 2.ed. São Paulo: Ética, 2000. 143 p.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula.** São Paulo; Libertad, 2005.

VEIGA, Marise Schmidt. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfocopro.br/inedu.01.htm>>. Acesso em 19 set. 2012.

VERÍSSIMO, Mara Rúbia Alves Marques. O materialismo histórico e dialético nas abordagens de Vygotsky e Wallon acerca do pensamento e da linguagem. **Educação e Filosofia**, v.10, n.19, p.129-143, jan./jun. 1996.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987. (Coleção Psicologia e Pedagogia).

_____. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Psicologia e Pedagogia. Nova Série).